

O risco dos últimos dias

Ricardo Noblat

Na reta final da campanha, a menos de 5 dias das eleições, o senador Fernando Henrique Cardoso parece abusar da folga de votos que tem para liquidar a fatura logo no primeiro turno.

Enquanto Lula sua a camisa entre carreatas e comícios, o senador limita-se a gravar para seu programa de televisão e a fazer uma ou outra visita para ganhar espaço nos jornais do dia seguinte.

Lula aposta na emoção e no hábito do PT de empolgar as ruas às vésperas de eleições. Fernando Henrique aposta na estabilidade do atual quadro de intenções de voto desenhado pelos institutos de pesquisa.

Ocorre que atravessamos, nas últimas 48 horas, momentos de muito nervosismo captados, também, pelas antenas sensíveis dos institutos. Um pouco por toda parte, começa a se definir uma massa enorme de eleitores indecisos.

Os institutos registram a cada hora oscilações, por enquanto, pequenas das posições de Fernando Henrique e de Lula no placar nacional das intenções de voto. No momento, por exemplo, Fernando está em queda em São Paulo.

Para compensar, cresce alguma coisa no Norte e no Centro-Oeste. Quem cresce em Brasília

é Lula e, com isso, ajuda a empurrar o professor Cristovam Buarque para o segundo turno contra Valmir Campelo.

Fernando Henrique abusa da vantagem que tem quando se mete, por exemplo, a fazer declarações sobre o valor do dólar comercial provocando, com isso, uma valorização expressiva e rápida da moeda.

E quando não manda, publicamente, calar a boca de certos assessores que já começam a especular sobre a necessidade de se alterar a Constituição para permitir, daqui há 4 anos, a reeleição dele.

Ora, para se reeleger Fernando Henrique terá de ser eleito primeiro. A vitória dele é possível no primeiro turno e, na hipótese de um segundo turno, é mais do que provável.

Mas o eleitor não gosta de candidato que dá seu voto como favas contadas. De resto, é prudente e cristão aguardar que intenções de voto se materializem em votos propriamente ditos.

Trate o senador de aproveitar os últimos dias de campanha para ampliar a diferença de votos que o separa da soma dos votos prometidos aos demais candidatos. A diferença atual ainda é estreita. E, por isso, insegura.

Meça as palavras para não dizer bobagens. E não deixe que seus assessores digam bobagens.